

EM BUSCA DE HERÓIS: PERDIDOS NOS LABIRINTOS HISTORIOGRÁFICOS E LITERÁRIOS

Sandra Maira Bolzon

Essa análise pretende abordar questões sobre a ciência história e a literatura, onde procura-se entender em que momento histórico esses dois estudos se encontram e o que apresentam em comum. Para tanto, torna-se necessário entender o desenvolvimento histórico de cada qual, para a partir de então iniciar a discussão que envolve suas analogias. O fato é que, através do presente trabalho é possível abordar questões a respeito do imaginário humano, seja a partir de fontes históricas, ou mesmo a partir de escritos literários.

A história é uma ciência bastante vasta, a partir dela é possível realizar diversas análises. Mas nem sempre foi assim, ela sofreu modificações com o passar do tempo, para atualmente proporcionar aos historiadores um campo de pesquisa ampliado. No qual é possível analisá-la inclusive multidisciplinarmente, no caso, paralelamente à literatura. Mas a literatura também passou e ainda passa por fases, dentre as quais uma é especial para esse estudo. Trata-se do período romântico, necessariamente do romance “O Guarani”¹, de José de Alencar. Usufruindo de tal obra literária, procura-se apresentar a construção de figuras heróicas na literatura, o papel que elas exercem e as características que apresentam para que sejam consideradas como tais. Mas as figuras heróicas não são representação apenas da literatura, elas estão presentes no cotidiano, e isso faz com que apareçam inseridas inclusive na ciência história. E para tratar dessa semelhança entre história e literatura, além da obra literária já citada, será usado uma outra em especial, trata-se do livro “Mitos e Heróis: Construção de imaginários”², organizado por Loiva Otero Félix e Cláudio P. Elmir. A partir de então se passa à proposta de análise propriamente dita.

Fazendo uma rápida menção a respeito do desenvolvimento da perspectiva histórica pelo qual passou a ciência História, podemos começar pontuando que ela foi pensada por muito tempo enquanto uma narração restrita, fadada a enfatizar acontecimentos e engrandecer alguns nomes. Essa história é compreendida enquanto

“Tradicional”. Ela demonstra maior atenção à política, seus estudos e conclusões estão sempre voltados a tentativa de pensar essa estrutura³ da sociedade. Porém, chegou-se a um determinado momento histórico em que os historiadores perceberam que a história não é feita somente de acontecimentos políticos, e através da influência de um grande estudioso chamado Karl Marx, passou-se a atentar também no estudo da economia. Ou seja, a partir de então valorizou-se também a face econômica da sociedade, cujo enfoque atenta à população em geral e as diferenças entre os períodos de produção. A essa corrente denominamos Marxismo. Mas a ânsia por conhecimento foi mais além, já que as duas correntes existentes até então eram opostas, cada qual buscando defender seus instrumentais. Percebeu-se que havia ainda outra estrutura da sociedade a qual não estava sendo valorizada: a cultural. A corrente que define essa nova tendência histórica é conhecida como História Nova. Porém, está havendo cada vez mais entre os historiadores uma preocupação em analisar-se a História como um todo, valorizando não somente uma ou outra parte constitutiva da mesma, mas sim todas, num procedimento interdisciplinar. Isso porque todas elas interagem num só contexto⁴ histórico. Cada estrutura - seja ela política, econômica, social, cultural ou outras - tem sua contribuição para com os estudos históricos e por isso devem ser levados em consideração.

Notório é que a História está cada vez mais ampliando seus campos de pesquisa. Percebendo essa característica, os historiadores estão realizando novas abordagens historiográficas, valorizando dados que antes eram olvidados pela História Tradicional. Em decorrência disso surge também o interesse em se mesclar disciplinas, ou seja fazer pesquisas multidisciplinares. Um exemplo pode ser dado quando imbricamos um estudo que envolve história e literatura. Ao relacionarmos ambas, podemos analisar até que ponto as obras são representação de determinado contexto e sociedade, ou seja, o limite de veracidade da realidade representada em determinada obra, a relação entre o mundo real e o ficcional. Mesmo porque o historiador escreve a partir de fontes primárias ou secundárias, relatando acontecimentos ocorridos em determinados períodos e lugares. Ao tempo em que o faz, o historiador tenta não influenciar com seus sentimentos e emoções naquilo que

escreve, de forma que se busca fazer uma História o mais verídica possível. Contudo, percebe-se o inverso com o escritor literário, que ao escrever sua história, faz uso de um recorte temporal com cenário, personagens e cultura típicas de um determinado lugar e período histórico, mas não tem compromisso com uma verdade, escreve ficção romântica, realista ou outras, levado por suas emoções e sentimentos.

No entanto, apesar das divergências, História e Literatura tem muito em comum. Uma referência quanto a esse fato se dá quando percebemos que tanto o escritor histórico quanto o literário fazem parte de uma sociedade. Sendo assim, acabam por demonstrar em seus trabalhos detalhes que fazem parte do imaginário social, como é o caso da confecção de heróis. No cotidiano, é perceptível a busca de explicação para tudo o que acontece, portanto, por mais avançada que a ciência esteja, existem coisas as quais não se consegue explicar cientificamente. Um exemplo é dado quando se enfrenta momentos de turbulência, seja ela pessoal ou social, onde busca-se a quem recorrer, e na falta de um alguém legítimo, inventa-se um. É aí que a imaginação entra em cena na busca de satisfazer curiosidades particulares. Quanto a esse alguém inventado, ele pode ser representado na figura de um santo milagroso, de uma figura política ou mesmo em uma pessoa comum, que por algum motivo se destaca dentre as demais: seja pela força, coragem, boa vontade, astúcia ou mesmo espírito de liderança. O fato é que essas pessoas acabam sendo tidas como verdadeiras “heroínas”.

Seguindo tal perspectiva, é visível a possibilidade de se traçar as semelhanças e divergências entre história e literatura. No caso, de forma especial focalizando a confecção de heróis e o papel que esses representam na sociedade. Pois apesar de estarem contidos no imaginário social, são trazidos ao cotidiano com maior ênfase através de escritos, no caso estudado, pelos históricos e literários.

Analisando alguns artigos do já citado livro “Mitos e Heróis: Construção de imaginários”, destaca-se para esse estudo o texto de Maria Eunice Maciel, “Procurando o Imaginário Social: Apontamentos para uma discussão”, no qual a autora trabalha com conceitos como mitos, heróis e imaginário. Ela frisa a necessidade de uma análise que leve

em consideração processo e contextualização. Sendo assim, o imaginário pode ser entendido enquanto um articulador maior, no tempo em que o mito seria parte integrante dele, já os heróis, parte integrante do mito. Para Maria Eunice Maciel, existem dois tipos de heróis: um é aquele que tem o seu nome engrandecido na História Política, sendo integrante da elite; o outro seria aquele que promoveu uma grande ação, ou seja, um “grande feito” que estaria descontextualizado e não se insere no mesmo processo do caso anterior. Para melhor entender os dois tipos de heróis que a autora pontua⁵, é possível descrever o primeiro enquanto o portador de um “grande nome”, um exemplo: Getúlio Vargas. O outro tipo de herói, aquele que promove um “grande feito”, e vem das camadas mais baixas da sociedade, pode ser exemplificado na figura de Tiradentes.

Sobre “Mitos e Heróis”, a autora destaca que geralmente um ato heróico está relacionado à morte, ou seja, determinado sujeito encarrega-se de realizar uma grande ação a ponto de arriscar a vida e após sua morte é considerado um herói, sendo que a História, através da memória encarrega-se de perpetuá-lo, impedindo seu esquecimento, não somente através de escritos, mas também de monumentos, que funcionam como uma homenagem⁶. Porém, nem todos aqueles que são considerados heróis pela História o são de fato, muitas vezes tratam-se de sujeitos da elite, representantes do Estado que recebem demasiado destaque na História Tradicional, ou então são sujeitos usados de forma intencional pela propaganda, com a finalidade de articular a população.

Para analisarmos a questão do “herói” na literatura, será usado o exemplo do personagem “Peri”, do romance “O Guarani”. Nesse romance, é perceptível desde o início que Peri, nada mais é senão um índio inventado, ou seja, suas características físicas são possivelmente verdadeiras, já que apontam um homem forte e saudável. Porém suas características comportamentais registram um verdadeiro cavaleiro medieval, isso porque identificam-no não como um selvagem defensor de sua tribo, mas sim como um índio que abriu mão de sua família a favor de uma “branca”, Cecília.

O fato é que nesse romance, fica em evidência a figura do “bom selvagem”, representado por Peri, que, na verdade, é um índio ideologizado que se assemelha à um

cavaleiro medieval. Este reconhece em Ceci, sua amada e filha de um velho fidalgo, a personificação de Maria, mãe de Cristo. Peri, no entanto, não quer cristianizar-se pelo fato de que para proteger sua Ceci comete qualquer ação, inclusive as proibidas pela Santa Igreja. Fica também em evidência relações cavaleirescas entre o fidalgo do Paquequer e aqueles que competem a seus vassallos. Uma outra questão importante à se observar em “O Guarani”, é que Peri é um bom selvagem por apresentar características cavaleirescas, entretanto os Aimorés (outra raça indígena citada no romance) são sinônimo de maldade, vingança, canibalismo, etc. O que os caracterizam enquanto maus selvagens.

O bom selvagem, Peri, vive para servir Cecília, fazer todas as suas vontades e se manter pronto para salvá-la de qualquer perigo. Durante esse romance é possível notar também em Peri qualidades que o caracterizam enquanto um herói: fortaleza, coragem, inteligência, etc. Quanto às suas ações heróicas, pode-se presenciar desde a primeira cena sua luta com um animal selvagem, o qual é rendido por Peri e ainda levado vivo para Ceci, com a única finalidade de satisfazer o desejo de sua adorada.

No decorrer de todo o livro é notável o esforço de Peri para proteger Ceci, porém mais ao final do romance é demonstrado até que ponto ele foi capaz de chegar afim de vencer seu objetivo. Trata-se de quando ele toma veneno e se entrega aos aimorés, os quais pretendem se vingar da família Mariz. Com esse ato Peri faria parte do ritual de canibalismo, e estando ele envenenado, envenenaria também os aimorés, dessa forma salvando Ceci e sua família. Porém seu plano lhe escapou, e voltando para a casa de sua adorada, esta lhe pede que viva, é por isso que, com uma força de vontade sobrenatural Peri permite-se curar e calcular um novo plano, no qual lhe é permitido salvar apenas Ceci. Seu segundo plano triunfa e o guarani dá sua última amostra de força e dedicação quando, durante a fuga, arranca com os próprios braços uma palmeira, na qual deslizará rio abaixo com sua adorada Ceci em seus braços. No entanto, os atos heróicos não são os únicos indícios de representação simbólica do livro “O Guarani”. Além de outros, também ao final do romance nos é permitido observar a questão da imagem do fogo, que representa a

destruição da família Mariz num ato de vingança pelos aimorés, ou seja, o fogo é exibição do mal.

Com essa discussão se torna notável quanto o imaginário influencia no cotidiano, seja na realidade, que acaba sendo interpretada pela história, ou nos romances, através da literatura. Em ambos os casos compreende-se ainda o aparecimento de figuras às quais são reservados espaços especiais. Essas figuras são, em geral, pessoas com características que as destacam das demais, fazendo com que elas se tornem mais notáveis, ou seja, acabam por protagonizar a história a qual fazem parte, sendo elevadas ao título de “heróis”. Na história, isso normalmente acontece em decorrência de seus feitos, ou mesmo por questões politicamente estratégicas. E na literatura os personagens vão seguindo a trajetória que mais conveniente for ao escritor, o qual controla as ações de seu “herói” para que este faça jus de tal título. Mas o que é comum nos dois casos, é que o herói é portador de características muito semelhantes, as quais dizem respeito às questões de força, coragem, boa vontade, astúcia, espírito de liderança, etc., como já foi esclarecido anteriormente.

Um exemplo usado por Maria Eunice Maciel para mostrar a propagação de imagens preservacionistas, diz respeito às ilustrações de governantes em papel moeda, onde ocorria um rodízio de retratos políticos no dinheiro brasileiro, que além de “grandes nomes” já ilustrou figuras como o gaúcho ou a baiana, mitificando o primeiro enquanto um herói, símbolo da força e persistência, ocorrendo uma glorificação dessas figuras, que uma vez desmistificadas denunciariam a realidade e colocariam em risco a posição de domínio social. Essa situação, segundo a autora, “remete à problemática das ideologias e das falsidades da história⁷”.

O fato é que isso tudo também faz parte de modismos, os quais são passageiros, já o imaginário social deve ir além disso, pois está no campo da renovação. E à História cabe saber lidar com tudo isso, afim de poder se aprimorar ainda mais e estar atingindo um patamar mais amplo que o da velha História Tradicional. A História hoje deve ser mais do que abrangente, deve ser crítica, pois através dela não se estabelecem

verdades, mas sim se fazem interpretações. E é nesse labirinto de incertezas e interpretações que os historiadores devem caminhar, fazendo desse estudo o mais fascinante possível.

¹ ALENCAR, José de. *O Guaraní*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

² FÉLIX, Loiva Otero e ELMIR, Cláudio P. (orgs.). *Mitos e Heróis: construção de Imaginários*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998.

³ Nesse estudo, entende-se estrutura enquanto parte constitutiva de um todo. Ou seja, cada estudo específico da história é tido enquanto uma estrutura da sociedade, compondo a base e servindo de alicerce à mesma.

⁴ Entenda-se por contexto, o conjunto de fatos que compõem a história em geral e suas respectivas periodizações.

⁵ Vale ressaltar que a autora não usa exemplos de heróis, essa foi uma iniciativa particular para melhor compreender a definição que Maciel faz a respeito dos mesmos.

⁶ Essa afirmação é também fruto de uma interpretação do texto de Maciel, porém ela própria se baseia em Le Goff ao usar tal argumento.

⁷ MACIEL, 1998, p. 84.